

## FRAGMENTOS DE UM PARAÍSO TROPICAL

### Abstract

*Literary criticism on Jorge Amado's works always lacked unanimity. Since the late 80s, however, a new criticism has emerged and several approaches have been used by the critics, whose reviews of Amado's novels have shown more praise than disapproval.*

**Palavras-chave:** recepção crítica - críticos literários - imagens - literatura brasileira

Primeiramente, gostaria de comentar do título desta comunicação. A produção de Jorge Amado *Gabriela, cravo e canela* tem sido muito analisada pelos críticos literários brasileiros e estrangeiros. *Gabriela, cravo e canela* será o texto que dará ao autor a possibilidade de ser conhecido no mundo, independente da máquina editorial do Partido Comunista. Por efeito, o romance recebeu muito mais atenção e vários estudiosos iniciaram leituras diversas, embora Jorge Amado no Brasil tivesse ficado marcado pela discussão veemente e apaixonada dos seus avaliadores e detratores. Mas a crítica estrangeira dos meios acadêmicos da França e dos Estados Unidos, que não tinham ainda procedido a um exame mais intensivo, passou a enviar para o Brasil novas leituras. Se, inicialmente, essa crítica lia *Gabriela* com um olhar do centro, pelas regras de seus países e evidenciavam o exotismo que atravessava as páginas do romance, nas últimas duas décadas, livros como este passam a integrar uma rede maior de conexões e significados para se ler o Brasil a partir de um olhar híbrido. Portanto o romance *Gabriela, cravo e canela* pode, a depender dos operadores de interpretação, ter duas leituras: uma que o integra à tradição de uma literatura nacionalista, nos rastros de Alencar (uma leitura colonialista) ou pode ser lido como uma sociedade pós-colonial híbrida (proveniente da dissociação do Brasil-estado do Brasil-sociedade). O título da comunicação, então, indica esta dúplice leitura que se vem desenvolvendo desde a década de oitenta, quando começa a fraturar-se o paradigma da leitura formalista, da leitura estética feita, principalmente, pela crítica brasileira dos anos trinta até aquele momento.

Retomando a crítica brasileira do início do século, é preciso que se diga que a produção ficcional de Jorge Amado nunca recebeu uma interpretação unânime ou sem polêmica. Seus romances foram lidos por críticos que tinham uma preocupação formalista e o prestígio estava na inovação da linguagem e do gênero - parâmetro de análise da crítica que permeia o modernismo, ou melhor, os trinta anos que se seguem ao Modernismo dos anos vinte. A análise, pelos críticos, dos romances considerados da primeira fase (desde *O país do carnaval*, 1932 até *Seara vermelha*, de 1946) evidenciava que suas produções não alcançavam o nível de elaboração desejado diante dos paradigmas modernistas. E mesmo aqueles críticos que abraçavam a ideologia socialista ou marxista, e que tentavam revelar um outro alcance para a obra, respeitavam as restrições já feitas, repetindo-as ou justificando-as.

Essas marcas da polêmica travada pela crítica permanecem até hoje como se pode constatar lendo as histórias literárias, mesmo aquelas publicadas nos anos noventa.

Com o lançamento de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, este seria visto pela crítica como uma nova fase do escritor que, sem deixar de trabalhar com os excluídos, consegue mostrar domínio da técnica e da linguagem adequadas. E se a crítica anterior a cinquenta podia fazer, subrepticamente, menção ao fato de que os romances do escritor não permaneceriam no cânone da alta literatura, com a publicação de *Gabriela*, a crítica teve que refazer suas avaliações e o autor ganha maior respeito na esfera da crítica, embora sempre haja uma voz desconfiada com seu avanço técnico-estilístico.

A discussão da crítica em torno do formal e do estético deixou muito de lado a análise da obra em conjunto ou isoladamente, perdendo de vista como ela estava discutindo os problemas apresentados pelos romances que se inseriam na geração de trinta. A forte ironia e o humor, categorias agora organizadas pelo autor como mediadoras no tratamento daquele período e daquele Brasil em transição, eram lidos no início dos anos sessenta - etapa de progresso e de industrialização do país - como uma etapa já vencida. A partir daí a estória de *Gabriela* e Nacib torna-se o

centro do romance. Mesmo aqueles críticos desconfiados do novo caminho a ser percorrido por Amado, mesmo aqueles que lêem o romance como mais um produto do regionalismo, vão ter uma posição mais unânime quanto à qualidade do texto, embora não desapareçam as restrições anteriores e outras novas, tais como narrativa repetitiva, muito extensa, vários estereótipos, tipos exóticos, etc.

A crítica ameniza, mas é preciso contextualizá-la. O momento é outro, há menos sectarismo ideológico, da direita e da esquerda (deve-se utilizar os velhos termos porque eles têm sua carga semântica no respectivo momento); a maior parte da crítica, mesmo a de jornal, está nas mãos da academia (servindo-se de outros instrumentais teóricos que fomentaram outras desconfianças ou ‘verdades’), muitos críticos reticentes entre a qualidade artística e o impacto da publicidade e da vendagem do livro. A leitura dos críticos e das histórias literárias até a década de oitenta conserva o conflito inicial de posições divergentes, com alguns acréscimos.

Nos vinte anos seguintes, que vão de 1970 a 1990, não se podem deixar de lado a divulgação dos livros (resenhas e artigos) e a análise crítica proveniente do estrangeiro, Os estudiosos do Brasil começam a analisar mais verticalmente a obra de Jorge Amado, iniciada justamente com as traduções de *Gabriela*. Este romance é um dos mais requisitados para estudos acadêmicos, para teses e dissertações.

Enquanto isto, no Brasil, o auge das restrições ao autor localiza-se entre 1970/80, como podem atestar as histórias e as coletâneas. Em outro ensaio, afirmei que, pela leitura das restrições desses críticos, o leitor e os futuros críticos poderiam deixar de examinar mais detalhadamente a produção de Amado e ficariam propensos a retirar seus textos do cânone porque não deveriam pertencer à “alta literatura” ou por não terem representatividade na leitura do Brasil. E não estávamos muito longe disso, quando analisamos a coletânea organizada pelo excelente crítico marxista, professor da UNICAMP, Roberto Schwarz, *Os pobres na literatura*, publicada em 1983, a qual deixa de incluir Jorge Amado. Abrindo um parêntese im-

que o sistema da crítica tomou como parâmetro a natureza formalista, o espírito de pesquisa estético-formal que estava nas origens do movimento. O desacerto teria que haver, e a leitura crítica, na sua grande maioria, permaneceu superficial. É por essa mesma corrente de análise e de inserção da obra na literatura brasileira que o crítico brasileiro Roberto Reis vai ler Amado.

Tomando como centro a ideologia dos intelectuais brasileiros que escrevem nos anos trinta, Reis coloca *Gabriela* como livro representante da época para demonstrar que os escritores da época produziram um discurso anacrônico e muitos deles de retorno (às origens) a uma aristocracia. Assim, *Gabriela* integra-se a uma típica postura do discurso cultural brasileiro que, frequentemente, evita um duelo com a História e posterga uma solução para o futuro. Localizando e contextualizando a narrativa do romance na transição entre o mundo rural e o mundo urbano dos anos trinta, o Estado Novo se apresenta como uma acomodação de interesses entre o poder antigo e o urbano, capitalista, burguês e progressista. Reis escreve, ao comparar *Gabriela* com *Fogo morto*:

*O que se verifica é que, enquanto Fogo morto nos mostra um quadro paralisado, Gabriela trata de um que está em vias de se transformar. Entretanto, embora se implante algum progressos em Ilhéus, a verdade é que os coronéis não deixarão de todo o poder e é lícito supor que dificilmente Mundinho Falcão venha a ser um político distante daqueles que, no passado, haviam reinado na cidade. Nos dois romances, as eventuais transformações não alteram de modo substancial o jogo de forças sociais, atingindo primordialmente as frações de classes dominantes. Como é corriqueiro na política brasileira, há um remanejamento na composição do poder.*

*Isto quer dizer que para “os personagens que representam as camadas populares as opções são limitadas, se é que existem: “Zé Amaro se acaba, depois de ser um lobisomem; Gabriela recupera sua alegria, feliz na condição de mulher de cor, boa de cama e mesa, oprimida e objeto do prazer sexual dos homens. (REIS: Travessia)*

Ambos “não têm muita escolha, que de uma forma ou de outra lhes é vedada a circulação no tecido social”.

Finalmente, a última análise, que será comentada, vem de uma historiadora que toma como categoria operatória a categoria de gênero, para interpre-

tar a sociedade do romance *Gabriela*. Belmira Magalhães, após fazer uma análise da sociedade não muito diferente da de Roberto Reis, mas pelo viés de gênero, evidencia que esta sociedade, por força de suas raízes rurais, “*não consegue mudanças estruturais, há apenas uma reorganização na velha ordem vigente*”. Para a estudiosa, a personagem Gabriela é um ser ficcional (que não existe naquela estrutura social), mas escolhida pelo autor para expressar a “*possibilidade de mudança daquela realidade*”. Gabriela expressa a utopia do autor, naquilo que este termo possui algo possível de realizar-se. Assim, “*é através de Gabriela que o autor coloca o possível salto de qualidade, uma mudança efetiva [para aquela sociedade]*”. E a historiadora continua sua análise: Gabriela que está à margem do contexto, representa o novo que “*não paga tributo ao velho, porque não depende dele. Gabriela é amoral. Ela não infringe regras porque seus parâmetros de vida não são regidos pelas regras vigentes*”. Para explicar Gabriela não se pode ter como paradigma o mundo contextualizado no romance, a lógica tem que ser outra, a da emancipação humana.”

Portanto, pode-se verificar que a recepção crítica deu um salto de qualidade ao examinar mais verticalmente a produção de Amado, embora ela seja, ainda, uma pluralidade de interpretações.

## Referências Bibliográficas

- AGUIAR., Flávio, intitulada *Com palmas medida: terra, trabalho e conflito na literatura brasileira*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.
- CASTRO, Silvio. Jorge Amado e a recepção crítica. In SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE JORGE AMADO. ANAIS, 1, 2000. Salvador: ATAS.... Salvador: FCJA/ EDUFBA, 2000. p. 41-50.
- MAGALHÃES, Belmira. “Uma análise da representação de gênero na literatura brasileira contemporânea”. *EXU*, Salvador, FCJA, n. 35, p. 28-33, abr/jun 1997.
- PORTELLA, Eduardo “Jorge Amado: a descontração poética no país do Carnaval”. *REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA*. Rio de Janeiro, n.1, 1979.
- REIS, Roberto. “Espelho retrovisor: considerações sobre a transição brasileira” *Travessia: Litera (cul)tura* (ed. org. Ana Luiza Andrade), Florianópolis, Editora da UFSC, n. 27. p. 12-23.
- SCHWARZ, Roberto (Org.) *Os pobres na literatura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.